



***JUVENTUDE E MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA:  
DISCUTINDO CIDADANIA A PARTIR DE OFICINAS DE ATIVIDADES***

***JÓVENES Y MARCADORES SOCIALES DE DIFERENCIA: DISCUTIENDO LA  
CIUDADANÍA A PARTIR DE TALLERES DE ACTIVIDADES***

***YOUTH AND SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE: DISCUSSING  
CITIZENSHIP BASED ON ACTIVITY WORKSHOPS***

*Késia Maria Maximiano de Melo<sup>1</sup>*

*Liciara Melissa Von Grafen Prass<sup>2</sup>*



**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar as práticas que interseccionam as temáticas juventudes, marcadores sociais da diferença e espaço escolar. Para tal, parte de uma prática intersetorial, com vistas à promoção de espaços de fomento e reflexões no que diz respeito à cidadania. Esta prática toma como referencial teórico metodológico os pressupostos da terapia ocupacional social, lançando mão das oficinas de atividades como caminho para os debates propostos. As oficinas, nesse sentido, se configuraram como potentes espaços de reflexões, trocas e compartilhamento do cotidiano, bem como de espaços de pertencimento, oportunizando o reconhecimento dos sistemas de opressão produzidos pela diferença, que repercutem na constituição de suas práticas cotidianas dentro e fora do contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diferença; Marcadores Sociais da Diferença; Juventude; Desigualdades Sociais.

**RESUMEN**

Este trabajo tiene como objetivo describir y analizar prácticas que cruzan temas de juventud, marcadores sociales de diferencia y espacio escolar. Para ello, parte de una práctica intersectorial, con miras a promover espacios de fomento y reflexión en torno a

<sup>1</sup> Doutora em Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Assistente social. Secretaria Municipal da Assistência Social, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

la ciudadanía. Esta práctica toma como marco teórico metodológico los presupuestos de la terapia social ocupacional, haciendo uso de los talleres de actividad como vía para los debates propuestos. Los talleres, en este sentido, se configuraron como poderosos espacios de reflexión, intercambio y puesta en común de la cotidianidad, así como espacios de pertenencia, brindando oportunidades para el reconocimiento de los sistemas de opresión producidos por la diferencia, que repercuten en la constitución de su cotidianidad. prácticas dentro y fuera del contexto escolar.

**PALABRAS-CLAVE:** Diferencia; Marcadores Sociales de Diferencia; Juventud; Diferencias sociales.

#### **ABSTRACT**

This work aims to describe and analyze practices that intersect youth themes, social markers of difference and school space. To this end, it starts from an intersectoral practice, with a view to promoting spaces for fostering and reflections with regard to citizenship. This practice takes the assumptions of social occupational therapy as a methodological theoretical framework, making use of activity workshops as a way for the proposed debates. The workshops, in this sense, were configured as powerful spaces for reflection, exchange and sharing of everyday life, as well as spaces of belonging, providing opportunities for the recognition of oppression systems produced by difference, which have repercussions on the constitution of their daily practices inside and outside the school context.

**KEYWORDS:** Difference; Social Markers of Difference; Youth; Social differences.

\* \* \*

#### **Marcadores sociais da diferença: Apresentando o debate**

A naturalização das desigualdades sociais é um fenômeno complexo, multifacetado, e muitas vezes, invisível. Se dá, entre outras, pelo não reconhecimento dos marcadores sociais da diferença que se manifesta em práticas de exclusão no espaço social, educacional e político (SILVA; LEITE, 2020, p. 1).

A diferença é informada pela cultura e dinamizada na cena social e política, e também constitui as suas engrenagens, de modo que nem sempre resultam em desigualdade, dependendo de como ela é significada nas dinâmicas sociais. Essas significações variam de acordo com o contexto, geografia e momento histórico, e são produzidas no interior de sistemas de classificação da diferença.

Vencato (2014), em meio a esse debate, aponta que as engrenagens que dinamizam os sistemas de classificação da diferença e que são atravessados pela cultura constituem um processo sutil e contínuo de aprendizagem cultural chamado de socialização. As instituições sociais, os discursos e práticas operam por meio dessa socialização (FOUCAULT, 1988) de maneira pedagógica, ensinando, normas,

comportamentos, condutas, valores, expectativas, possibilidades e impossibilidades. É em meio a essa socialização que são incorporados os sentidos construídos a partir da diferença, e o reproduzidos na vida social. Essa reprodução se dá na direção de alocar determinados sujeitos nos centros e outros nas margens, condicionando sua participação na vida social e acesso aos bens de cidadania<sup>3</sup>.

Avtar Brah propõe o seguinte debate sobre a ideia de diferença:

O conceito de diferença [...] se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados. Algumas construções da diferença, como o racismo, postulam fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como inerentemente diferentes. Outras construções podem apresentar a diferença como relacional, contingente e variável. Em outras palavras, a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política. (AVTAR BRAH, 2006, p. 374).

Nesse sentido, diferenças de gênero, geração, raça, etnia, sexualidade, regionalidade, território, religião, entre outros, só se tornam desigualdades de maneira contextual. Além disso, quando dois ou mais marcadores sociais da diferença interagem na mesma experiência (individual ou coletiva), podem resultar em formas mais complexas de violência e preconceito (CRENSHAW, 2002), embora não se possa desconsiderar suas possíveis fissuras e, portanto, possibilidades de agência (PISCITELLI, 2008; BRAH, 2006). É preciso, então, fazer uma análise do contexto em que os marcadores sociais da diferença operam e sobre a sua ressonância na produção ou não das desigualdades em determinada cena social.

A noção de marcadores sociais da diferença, afirma Vencato (2014, p. 25), aponta para os “diferentes pertencimentos sociais de um indivíduo e de como eles produzem lugares diferenciados socialmente a eles, dependendo de diversos níveis de participação na vida social”. Ainda de acordo com a autora, os marcadores sociais da diferença, em suas combinações variadas, estabelecem lugares diferenciados para indivíduos diversos,

---

<sup>3</sup> Aqui, a cidadania é entendida a partir das proposições de Thomas Marshall (1967). O autor discute que a cidadania corresponde, grosso modo, a um conjunto de direitos, que podem ser entendidos como sociais, políticos e civis. É importante destacar que o autor constrói o debate a partir do contexto europeu, mas oferece um aparato importante que é tomado como ponto de partida por José Murilo de Carvalho (2002) ao historicizar o processo de construção da cidadania no contexto brasileiro. Ainda no contexto brasileiro, a pesquisadora Roseli Esquerdo Lopes (2016) aponta que a cidadania corresponde a uma incorporação de indivíduos e grupos a um dado contexto social, com vistas à participação social.

inserindo as diferenças num jogo complexo de hierarquias que, em alguns momentos, podem resultar em enormes desigualdades.

Essas desigualdades podem se expressar em diversos cenários da vida social, e também ser dinamizada por eles. A escola, historicamente, se compõe como um espaço de socialização e de múltiplos aprendizados. Aprofundando este debate, Guacira Lopes Louro (1997) discute que

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (LOURO, 1997, p. 58).

A autora ainda aponta que a naturalização das desigualdades que são produzidas pela diferença, podem ser percebidas nos espaços escolares nas sutilezas, na forma como meninos e meninas se agrupam, nos critérios utilizados para tais agrupamentos, nas justificativas sobre quem fica de fora desses grupos, e em como esses mesmos sujeitos que ficam de fora são tratados nos espaços coletivos. Ainda de acordo com a autora, talvez pareça "natural" que algumas crianças e jovens possam usufruir de tempo livre, enquanto outras tenham de trabalhar após o horário escolar, por exemplo; que algumas devam "poupar" enquanto que outras tenham direito a "matar" o tempo. As divisões de raça, classe, etnia, geração, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções, e elas se desdobram para os múltiplos espaços, atravessam relações sociais, projetos de vida, construção de redes de sociabilidade, redes de suporte social, entre outros, com repercussões que somente podem ser compreendidas a partir do contato com os contextos de vida dos sujeitos que as vivenciam.

As discriminações de gênero, étnico-racial e por orientação sexual, bem como produzidas por outros marcadores sociais da diferença, são dilemas que, para serem resolvidos, precisam ser desnaturalizados e esse processo de desnaturalização passa, necessariamente, por práticas/intervenções/ações que fomentem a cidadania através do desvelamento dos sistemas que constroem essas desigualdades pela diferença, o respeito da pluralidade e enfrentamento a todo tipo de preconceito que se sustenta na naturalização da norma, na hierarquização das diferenças e no reforço das assimetrias.

De acordo com Vencato (2014), é preciso construir posturas não centradas na tolerância da diversidade, mas aprimorar a perspectiva crítica das diferenças e seu poder de transformação social, visto que mais do que tolerar a diversidade, podemos reconhecer e aceitar a diferença em um diálogo aberto e criativo.

Isso requer, novamente, desvelar os sistemas classificatórios que produzem as desigualdades a partir da diferença, mas, sobretudo, positivar a diferença como parte importante da experiência social, reconhecer a potência dela, a riqueza que pode produzir nos mais diversos modos de viver, de construir cotidianos, de projetar a vida, e ainda, conforme a autora, de construir modos democráticos de ação política de um grupo ou indivíduo.

Nesse sentido, este relato de experiência tem como proposta central descrever uma prática desenvolvida numa escola estadual de uma cidade do interior gaúcho, sob a temática dos marcadores sociais da diferença e seus atravessamentos na produção de desigualdades sociais junto a adolescentes e jovens. As ações foram desenvolvidas entre setembro de 2022 a janeiro de 2023, numa parceria entre o estágio supervisionado em terapia ocupacional no campo social da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, vinculadas ao projeto de pesquisa Desigualdades sociais, juventudes e políticas públicas em Santa Maria – RS: Diálogos teóricos e possibilidades práticas em terapia ocupacional social (CAAE: 65354022.2.0000.5346, Parecer número: 5.929.582), um Centro de Referência em Assistência Social – CRAS e uma escola da rede estadual.

O objetivo das oficinas, portanto, consistiam em construir espaços de troca, compartilhamento, experimentação, reflexão e debates, mediados pelo uso da atividade, sob a perspectiva da identificação dos marcadores sociais da diferença e das desigualdades sociais produzidas por eles em suas vidas cotidianas, direcionada para a produção de estratégias para enfrentar as opressões e violências produzidas por eles, e para combatê-las no espaço escolar – e na vida.

Para fins de análise, organizamos a descrição das oficinas em dois eixos, a saber: 1) o cotidiano dos jovens: atravessamentos dos marcadores sociais da diferença; 2) Produção de cuidado para a cidadania

### **Terapia Ocupacional Social, Juventudes e Escola: Apresentando o referencial teórico metodológico**

A intersecção entre a terapia ocupacional social e a educação data do fim dos anos 1990, quando professoras de cursos de terapia ocupacional do Estado de São Paulo fundaram o Projeto METUIA<sup>4</sup>, idealizado com a proposta de formar terapeutas ocupacionais que produzissem uma atuação voltada para as demandas sociais e para a garantia de direitos das populações com as quais trabalha, sob a perspectiva da indissociabilidade entre a ação técnica, ética e política (PAN; LOPES, 2022). O entendimento da terapia ocupacional social sobre a escola passa pela configuração desta enquanto um equipamento social que oferece (ou deveria oferecer) uma rede de suporte para todos os jovens, especialmente para aqueles em vulnerabilidade social (PAN; LOPES, 2020), além de um espaço de sociabilidade, experimentação, fortalecimento, produção de cidadania e desenvolvimento de potencialidades.

Além disso, a terapia ocupacional social vem, histórica e predominantemente, colocando a juventude como centro de suas ações, produções e reflexões. Toma como objetivo o desenvolvimento de ações com vistas a emancipação, a autonomia e a ampliação da participação social de sujeitos que têm seus cotidianos atravessados por desigualdades de origem socioeconômicas, culturais, dificuldades de negociação cultural e limitações de acesso aos bens de cidadania (MALFITANO, 2016). Colocando os jovens como sujeitos da intervenção, Silva (2019) faz a defesa de que, para compreender as juventudes, é preciso considerá-las de forma contextualizada e articulada às características da sociedade brasileira. Mediante o exercício de historicização da emergência das juventudes, parte-se da leitura das juventudes como construção social, atrelada às condições contextuais de cada época.

A terapia ocupacional social visa, norteada por um projeto democrático de inclusão radical, da inserção e participação social, elaborar estratégias para que os jovens tenham oportunidades de produção de autonomia e elaboração de projetos de vida, considerando suas dimensões individuais e coletivas, favorecendo e fortalecendo

---

<sup>4</sup> O Projeto Metuia, atualmente Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social, é um grupo de ensino, pesquisa e extensão em terapia ocupacional social construído em 1998 por docentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Católica de Campinas. Atualmente, a Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social é composta pelos Núcleos da UFSCar, da USP-São Paulo, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), da Universidade de Brasília (UnB) e o que agrega a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). De maneira não nucleada, outras/os pesquisadoras/es e profissionais também participam dessa rede.

vínculos sociais, garantindo mais oportunidades que coloquem as juventudes como interlocutores/protagonistas (LOPES; SILVA, 2007).

Propõe-se, então, por meio dessa perspectiva teórico-metodológica, a construção de espaços de experimentação e criação, de novas/outras leituras de mundo, mais críticas. Propõe-se, ainda, a construção de estratégias de acesso a bens e serviços, de circulação, de pertencimento e reconhecimento, e de ferramentas que favoreçam a participação de todos os jovens, contribuindo para a superação de processos de subalternização históricos, com vistas ao fomento à cidadania (MELO; MALFITANO; LOPES, 2020; PAN; BORBA; LOPES, 2022).

Sob esse caminho, a terapia ocupacional social defende ações que valorizem e estimulem as vivências e potências, criando estratégias para a construção dos cotidianos dos sujeitos, alternativas às expressões das desigualdades sociais produzidas pela diferença, ao mesmo tempo em que fomenta a participação e convivência social em que se possa enfrentar dificuldades postas por uma estrutura extremamente desigual, sendo agentes capazes de produzir e de usufruir dos bens sociais e culturais.

O desenvolvimento de práticas em interface com a educação foi um caminho histórico para a terapia ocupacional social, suscitando a produção de metodologias de ação no campo que foram sendo pensadas em interface com outros núcleos, como assistência social, justiça, cultura, habitação, entre outros. Nesse percurso, em 2011, por meio da VIII Conferência Nacional de Assistência Social, a profissão foi reconhecida como uma das categorias profissionais habilitadas a atuar nas equipes de referência e/ou gestão dos serviços socioassistenciais do Sistema Único de Assistência Social - SUAS<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> O Sistema único da Assistência Social – SUAS é o sistema que organiza os serviços socioassistenciais para efetivação da Política Nacional de Assistência Social (BRASIL, 2005). Assim, por níveis de complexidade, propõe a organização dos níveis socioassistenciais em proteção social básica e proteção social especial, sendo esta última, dividida em média e alta complexidade. À proteção social básica, cenário da prática descrita neste artigo, cabe a tarefa de produzir um “conjunto de ações, cuidados, atenções, benefícios e auxílios ofertados pelo SUAS para redução e prevenção do impacto de vicissitudes sociais e naturais ao ciclo de vida” (BRASIL, 2005, p. 90). O equipamento de referência da proteção social básica é o Centro de Referência em Assistência Social – CRAS. Ele abarca os diversos programas desse nível de atenção, com destaque para o Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF) e o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Cabe aos profissionais do CRAS atuar frente às situações de vulnerabilidade em que se encontram as famílias-alvo de tais programas, de forma a fortalecer os vínculos sociais e comunitários dessas. Para tanto, o CRAS funciona como um organizador e gerenciador de dispositivos, grupos e instituições que existem no território, articulando-os e promovendo um trabalho continuado voltado para toda a população adscrita, a partir, sobretudo, da intersetorialidade. Para a efetivação desse trabalho, o CRAS conta com uma equipe socioassistencial composta por assistentes sociais, psicólogos e pedagogos, prioritariamente (OLIVEIRA *et al*, 2011, p. 141), podendo o terapeuta ocupacional compor as equipes nos equipamentos dos diferentes níveis socioassistenciais (ALMEIDA *et al*, 2014).

É importante destacar que produzir intervenções de fomento à participação social pede do terapeuta ocupacional uma perspectiva que considere a intersectorialidade e a interdisciplinaridade. Dito de outro modo, é indispensável a articulação, por meio das políticas públicas, com os diversos setores e equipamentos sociais, colaborando na tecitura de uma atenção integral a partir de múltiplos saberes.

A vida cotidiana se coloca como grande mirada naquilo que se propõe na terapia ocupacional social (FARIAS; LOPES, 2022). Dimensões histórica, social, pessoal, e territorial, objetividade e subjetividade interagem e produzem a materialidade da vida, na qual as desigualdades sociais, muitas vezes, produzida pela diferença, incidem. É no interior do cotidiano que as ideias, valores, concepções e criações são apreendidas (GALHEIGO, 2020), compondo a trama social que possibilita as diferentes formas de desenvolver práticas e conduzir as dinâmicas da vida (MELO, 2021).

Nessa direção, o arcabouço metodológico e tecnologias sociais utilizados para a intervenção em terapia ocupacional social numa dimensão individual e coletiva são: *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos; Acompanhamentos Singulares e Territoriais; Articulação de Recursos no Campo Social e Dinamização da Rede de Atenção* (LOPES *et al.*, 2011; LOPES *et al.*, 2014; PAN; LOPES, 2020; PAN, BORBA; LOPES, 2022). Elas são manejadas e postas na arena da ação de maneira dinâmica, estratégica e crítica.

As *oficinas de atividades, dinâmicas e projetos* partem, do uso das atividades em um contexto de sujeitos individuais e coletivos, para em seguida, pensar dinâmicas e projetos (PAN; BORBA; LOPES, 2022). Nesse sentido, se configuram como

espaços de convivência e aproximação dos sujeitos, em que podem ser utilizadas atividades diversas (corporais, lúdicas e plásticas) como recursos mediadores em sua operacionalização, buscando a aproximação com as demandas dos sujeitos parametrizadas pelas noções de cidadania, direitos/deveres e participação democrática. (SILVA; MALFITANO, 2021, p. 3).

Entendemos, portanto, que a intervenção desenvolvida pela terapia ocupacional social, por meio das oficinas de atividades, permite o encontro com os múltiplos sujeitos da ação, e partindo desse princípio, fizemos uso desta tecnologia social para mediar as discussões sobre os marcadores sociais da diferença e sua repercussão nos cotidianos e formas de participação social frente às desigualdades que eles acabam por produzir.

### **O cenário: Tecendo caminhos**

O estágio supervisionado em terapia ocupacional no campo social do departamento de terapia ocupacional da UFSM tem como cenário de práticas a proteção social básica, mais especificamente, a partir da inserção em um equipamento da rede de serviços socioassistenciais, o CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) – Norte.

O bairro onde se localiza a escola que foi o palco das ações desenvolvidas é o Salgado Filho, bairro muito marcado pelas transformações ocorridas ainda nos anos 1950, principalmente com a decadência dos serviços ferroviários, que levaram a perda de importância econômica desta parte da cidade (SPODE, 2020).

Melara (2008) discute em sua pesquisa que analisa a dinâmica de violência criminal no espaço urbano de Santa Maria, que embora o bairro Salgado Filho conte com muitos problemas de ordem infra-estrutural, principalmente nas áreas ocupadas irregularmente, além de contar, predominante, com moradores com baixos níveis de escolaridade e renda, a principal preocupação dos moradores diz respeito à questão da violência, apontando que roubos e agressões são frequentes no bairro.

Em um mapeamento dos homicídios na cidade de Santa Maria no período compreendido entre 2005 e 2006, Secretti (2008) apontou que o bairro Salgado Filho teve o maior índice de homicídios, correspondendo a 10,22% dos casos, e também, com o maior número de pessoas que tem conflitos com a lei, (8,6%), seguido pela Nova Santa Marta, bairro da região noroeste da cidade.

O bairro Salgado Filho também apresenta os maiores índices no que diz respeito ao quantitativo de moradores que se relacionam com o tráfico de drogas, especialmente sob a tarefa de fornecer droga para pequenos traficantes e consumidores, o que de acordo com Melara (2008), pode justificar a incidência da violência mencionada por alguns moradores. A autora destaca o bairro como de risco relevante para crianças e adolescentes.

Acerca desta população, Ramos (2010) discute que o bairro Salgado Filho é o que possui maior índice de crianças e adolescentes em situação de rua e maior número de jovens cumprindo medida socioeducativas. Em contraponto, o bairro dispõe de poucos espaços e recursos para que esses jovens possam desenvolver atividades de sociabilidade, de compartilhamentos, e de lazer, comprometendo seus usos do território, sua circulação na cidade, a constituição de experiências que favoreçam a construção de projetos de vida. Somando isso ao cenário de altos índices de criminalidade e de

precariedade na estrutura urbana, restam poucas alternativas aos jovens para a negociação de formas de participação social.

A Rede de trabalhadores dos serviços da Região Norte (Rede Norte) se organiza para, mensalmente realizar ao menos um encontro como forma de compartilhar as demandas, dificuldades, realidades e limites dos serviços. Também a fim de socializar o que vem sendo desenvolvido na rede e facilitar o fluxo de encaminhamentos, de construção de soluções e ações coletivas, bem como de estratégias para a resolução dos problemas postos pela realidade local.

A partir das discussões compartilhadas nas reuniões da rede, das demandas percebidas e levantadas a partir do cotidiano de trabalho da equipe do CRAS, bem como da interlocução com 8ª Coordenadoria Regional de Ensino – 8ª CRE, entendemos a necessidade do desenvolvimento de ações que focalizassem os jovens como protagonistas, foram elaboradas oficinas para conhecer a realidade desses jovens e produzir debates com vistas ao fomento à cidadania, com ênfase nas desigualdades sociais produzidas pela diferença.

Estrategicamente, considerando as dinâmicas territoriais e as demandas focalizadas pela 8ª CRE, foi escolhida uma escola de ensino fundamental, da rede estadual de ensino. A escola se mostrou receptiva e disponível para o desenvolvimento das atividades, que contou também com a colaboração da coordenadora do CRAS Norte e de outra trabalhadora do equipamento, ambas assistentes sociais. Foi realizada uma reunião inicial com a escola a fim de compreender o cotidiano do equipamento, suas dinâmicas de funcionamento, dificuldades, entre outros. De acordo com a diretora e com a orientadora pedagógica, o perfil dos alunos denuncia evidente vulnerabilidade social, traduzida na fragilidade com os vínculos familiares, ausência de estrutura adequada nos espaços domésticos, ausência de espaços de sociabilidade, interesse, e envolvimento com as atividades sugeridas pela escola. Destacamos no relato das professoras os comportamentos agressivos e combativos dos alunos, os “deboches”, e as exclusões que promovem uns com os outros no espaço escolar, solicitando que realizássemos a intervenção com duas turmas de oitavo ano, as que consideravam mais “difíceis”.

Nessa reunião foram, portanto, alinhados os eixos de trabalho, bem como as estratégias que utilizaríamos para desenvolver o trabalho, firmando os pactos necessários quanto à programação de um cronograma, e dos recursos necessários para o

desenvolvimento das oficinas, de modo que estes foram disponibilizados pela universidade.

### As oficinas

As oficinas foram desenvolvidas semanalmente, no período compreendido entre sete de outubro de 2022 à dezesseis de dezembro do mesmo ano, totalizando nove encontros. A equipe que compôs a elaboração e condução das oficinas foi uma terapeuta ocupacional (professora/supervisora do estágio), seis estagiárias do curso de terapia ocupacional da UFSM e duas assistentes sociais do CRAS, demarcando o caráter interdisciplinar e intersetorial da ação, que ocorreu no atravessamento com as dimensões individuais e coletivas desses jovens.

Foram utilizados diversos recursos, predominantemente lúdicos, tais como gincanas, jogos, quiz, dinâmicas, atividades com música, exibição de curtas, construções de mural, entre outros (Figura 1). Foram também explorados espaços internos e externos às salas de aula. É importante mencionar que as temáticas, bem como a proposição dos recursos das oficinas de atividades foram construídos, pensados e executados com os jovens, com a escola e com o CRAS. Nesse sentido, a ação se deu de maneira processual, a partir da compreensão que ia se tecendo durante os encontros, especialmente sobre como os marcadores sociais da diferença criam dinâmicas de desigualdades sociais específicas na experiência desses jovens.

**Figura 1.** Programação das oficinas

<b>Encontro</b>	<b>Tema / Atividade</b>
1	A escola e o meu bairro
2	Gincana: Como colaborar com Gustavo?
3	Árvore dos desejos
4	Dinâmica das desvantagens
5	Diferença e desigualdade
6	Quiz sobre violências e opressões
7	Expectativas de gênero
8	Diversidade de gênero e de sexualidade
9	Fechamento

**Fonte:** Elaboração das autoras

### O cotidiano dos jovens

Amparados nas demandas apontadas pelas professoras da escola, mas abertos a compreender o cotidiano dos alunos para além delas, propusemos na primeira oficina o mapeamento dos usos do espaço escolar, bem como dos entornos dela. Foram utilizadas uma maquete da escola e do entorno dela, e placas com legenda para sinalizar e qualificar esses usos, semelhantes à emojis<sup>6</sup>.

Na medida em que cada um ia marcando uma legenda, também ia contando um pouco das motivações ou dificuldades quanto àqueles usos, o que suscitou um espaço de trocas, de identificação, de compartilhamento entre os indivíduos, e também a possibilidade de identificação sobre como as desigualdades sociais impactam a construção de seus cotidianos: no uso do tempo, na construção de planos e legitimação de desejos, nas expectativas de futuro, nas relações com as redes sociais de suporte, nas formas de circulação social, no acesso a determinados espaços e oportunidades, a bens culturais, entre outros. Ainda nas relações escolares, demarcam quem vai ser desejado nas rodas de paquera, quem vai ser convidado para as reuniões fora dos espaços escolares, quem vai sobrar e quem vai ser inserido na divisão para trabalho em grupo, entre outros.

Na escola, muitos alunos passam a perceber quando não correspondem a ideais coletivos, vendo-se como gordos, efeminados, gogos etc., na medida em que seus ideais correspondentes tendem a aparecer como demandas ou imposições, muitas vezes na forma de chacota e, em casos limite, sob a forma de violência (MISKOLCI, 2012, p. 37-38).

Boa parte dos jovens, ao longo das oficinas, relatou ter familiares presos; nunca ter frequentado espaços como cinema, museus ou apresentações artísticas; morar em casas com poucos cômodos; não ter ninguém na família que cursou ensino superior. Boa parte deles é responsável por colaborar com o cuidado com os irmãos e/ou com a manutenção da casa, e compartilharam que seus pais estão desempregados ou têm empregos informais. Também mencionam experiências de batidas policiais frequentes, e acompanhamento de seguranças em espaços como shopping centers, especialmente quando circulam em grupo.

Desvelar os mecanismos que operam na constituição dessas impossibilidades e entraves faz parte daquilo que Farias e Lopes (2022) propõe, amparados em concepções freireanas, como práticas antiopressivas. A partir do reconhecimento dessas diferenças,

---

<sup>6</sup> Representação imagética que expressa emoções, ações, atitudes, e são utilizados como recursos comunicacionais em aplicativos de comunicação instantânea bem como em redes sociais.

da compreensão de como elas produzem relações e vivências desiguais, e de como isso repercute na participação na vida social se compõe como ponto de partida pra pensar estratégias de subversão dessa lógica, mobilizando ferramentas para a ampliação do repertório de possibilidades e para o agenciamento das negociações sociais, balizadas pela cidadania.

Silva Junior e Mayorga (2016) argumentam que as experiências de jovens pobres, dentro de suas diferenças, são configuradas por uma condição social, econômica, cultural, geográfica e de representações, caracterizada pela precarização econômica. Essas experiências de precarização da vida social se intensificam quando associadas a outros marcadores sociais da diferença (ZAMBONI, 2014; MELO; MALFITANO, LOPES, 2020). É posto que cotidianamente tais sujeitos vivenciem situações de exclusão e limitações ao acesso de direitos e oportunidades, sendo jovens que fazem parte de uma classe de trabalhadores ou filhos de trabalhadores, ainda que muitos, dentro da informalidade. Ainda, cabe destacar que, dentro de um contexto de intensificação das vulnerabilidades, pelo cenário de crise econômica, social e política, estabelecido também pela pandemia de COVID-19, as problemáticas que envolvem as vivências os jovens das camadas populares, em sua maioria negros, se intensificam.

Também relatam não conhecer o CRAS - Norte, o que, posteriormente foi elucidado pela ausência de cadastro das famílias dos alunos no Programa de Acompanhamento Integral às Famílias – PAIF. Relatam fazer uso dos equipamentos de saúde apenas quando há grande necessidade, e justificam isso com a baixa qualidade dos serviços, atribuídas pelo senso comum. Também não participam de nenhum projeto ou programa no bairro, ou fora dele, exceto um dos alunos que mencionou participar do Programa Jovem Aprendiz.

A escola é entendida por boa parte deles como um espaço “chato”, dotado de obrigatoriedades, normas, em que as relações com os colegas acabam se colocando como uma das motivações centrais para a manutenção da frequência. Eles também mencionam que outra motivação para a permanência na escola se dá pela construção da possibilidade de inserção no mercado formal de trabalho, no futuro, ainda que em diversos momentos apontem não empregar os aprendizados da escola na operacionalização da vida.

De acordo com Saviani (1997) a educação hoje não pode mais orientar-se somente para a prática acadêmica ou profissionalizante, porque desse modo estaria

formando um homem parcial e limitado, dado que a revolução técnico-científica supera as especializações convencionais, exigindo pessoas com aprofundada cultura geral e tecnológica, com capacidade para dominar processos produtivos complexos (PEREIRA; LOPES, 2016).

Ainda que apontem, nos relatos sobre o cotidiano, marcas das precárias condições socioeconômicas, também demonstram buscar nas fissuras dessa mesma precariedade os fôlegos para a condução da vida.

No decorrer das oficinas, percebemos que alguns jovens interagiam pouco e eram alvos constantes de piadas. Os códigos internos de comunicação suscitado pelo grupo denunciavam gestos e risadas direcionados a esses alunos com certa frequência. É importante destacar que as piadas que, muitas vezes apareceram nas trocas no interior das oficinas, acionavam conteúdos de raça, gênero, sexualidade e classe social, e por vezes restrito a quem detinha o manejo dos códigos internos ao grupo, impossibilitando a intervenção externa. Assim, se os marcadores sociais da diferença incidiam sobre as experiências individuais e coletivas daqueles jovens, bem como seus modos de vida, também, demarcavam, em alguma medida, suas dinâmicas relacionais no interior da escola.

Se para alguns, as formas de resistência se dão nas conformações relacionais que se põe na cena, para outros, a dimensão relacional parece fazer parte do rol de violações às quais são expostos. A naturalização parecia ser uma constante, no que dizia respeito aos pilares que sustentam as hierarquias internas ao grupo. Parece também ser o elemento limitador da produção de estratégias de resistências aos essencialismos impostos pela diferença. Esse processo de naturalização, segundo Bento (2011), faz parte da produção das margens, local habitado pelos seres considerados abjetos.

Na oficina que teve como tema “*Como colaborar com Gustavo?*”, que contou com uma atividade em formato de gincana, dividida em cinco etapas. Ela ocorreu na parte externa da escola, os alunos dividiram-se em dois grupos e tinham desafios a cumprir. Ao final de cada etapa das tarefas, o grupo conquistava uma chave para desvendar a História de Gustavo, aluno fictício que ingressava na escola após uma série de exclusões e violações de direitos. Ao final da atividade, discutimos a história de Gustavo, e tentamos pensar estratégias coletivas para que ele pudesse participar, de fato, das interações no espaço escolar.

Essa oficina possibilitou a identificação com Gustavo por parte de muitos jovens, em aspectos diversos, seja pela dimensão das relações familiares, pelas

exclusões no espaço escolar, pela dificuldade de entrosamento, entre outros, provocando discussões que envolviam a solidariedade, o respeito, o acolhimento, e a escola como um espaço de todos.

### **Marcadores sociais da diferença: Refletindo criticamente**

As três primeiras oficinas foram construídas sob a perspectiva de criar espaços de troca, reconhecimento, identificação e vínculo. Também foi por meio desses primeiros encontros que buscamos compreender quais linguagens poderiam ser exploradas no diálogo com esses jovens, repercutindo na proposição das atividades e dos recursos explorados durante elas.

Uma das oficinas que sucedeu as três primeiras, tinha como proposta central discutir a diferença, enquanto um elemento central na constituição de determinadas formas de desigualdade, e a maneira como elas repercutem na vida dos jovens dentro e fora do espaço escolar. Nessa direção, foi proposta uma atividade em que os alunos precisavam discutir em subgrupos, como separar um conjunto de frutas que foi disposto na sala. Após a categorização das frutas, foi disparar uma discussão a partir da seguinte questão: “Quais critérios vocês utilizaram para separar as frutas?”, “Esses critérios são neutros?”, “Como essas categorias se desdobram?”. O espaço de troca que se estabeleceu durante a atividade permitiu a reflexão sobre como, ao classificar as frutas, também as qualificamos. A analogia entre as categorias das frutas e seus possíveis destinos em curto, médio e longo prazo, após essas classificações, e a vida social, foi o fio condutor do debate, de modo que possibilitava aos jovens compreender como essas diferenças, quando incidem sob o cotidiano, hierarquiza sujeitos e grupos sociais, e limita possibilidades de participação na vida social.

Em uma atividade cujos balões representavam acessos e possibilidades<sup>7</sup>, foram distribuídos três para cada aluno, sentados em disposição de roda. Para cada afirmativa lida pelo mediador, quanto às possibilidades acessadas ao longo da vida, o aluno

---

<sup>7</sup> Ela foi inspirada na *Corrida dos privilégios*, criada, e difundida pelo *Bshynaz Legacy Movement*, em seu canal no Youtube. Essa dinâmica começa com um grupo de pessoas, de pé, lado a lado. É realizada uma série de afirmativas acerca dos acessos e oportunidades que os sujeitos participantes tiveram ao longo da vida. Nenhuma dessas oportunidades foram frutos de suas conquistas. Os que respondem positivamente dão um passo à frente, e os que respondem negativamente, mantêm-se parados no ponto em que estão. Ao final da dinâmica é pedido para que todos observem a disposição da cena, e o ponto de partida de cada um, em decorrência dos acessos às oportunidades para constituição da vida.

deveria, caso se identificasse, pegar o balão de alguém, e caso não se identificasse, deveria estourar um de seus balões. Ao final, percebendo a quantidade de balões com os quais cada um finalizou, discutimos sobre como determinadas possibilidades não dizem respeito às construções individuais, mas a estruturas, normas e contextos que são anteriores ao sujeito, como afirma Butler (2004), ao discutir sobre como as normas de gênero são invisíveis e naturalizadas, justamente porque são engendradas na vida social antes mesmo de serem incorporadas como dadas na vivência dos sujeitos individuais e coletivos.

Essa discussão abriu espaço para o debate sobre as normativas sociais, estigmas, violência, e sobretudo, sobre como as desigualdades sociais produzidas pela diferença constroem assimetrias sociais e impactam o acesso aos direitos de cidadania e a produção de modos de viver, nos termos da inteligibilidade (BUTLER, 2004).

Ao mesmo tempo em que os alunos reconheciam opressões e impossibilidades produzidas nas suas próprias experiências, em relação a determinados marcadores sociais da diferença (predominantemente gênero, sexualidade, raça e classe social), também se criava um terreno para discutir como essas diferenças repercutiam no cotidiano das relações e interações suscitadas no espaço escolar.

Por meio das oficinas em que foram debatidas as construções de gênero, os debates centrais giravam em torno de como eles eram altamente relevantes na construção de projetos de vida e na organização das atividades cotidianas e expectativas da família e da comunidade em relação a esses jovens. Por meio de uma atividade em que foram apresentados cards com diversas profissões e práticas cotidianas, foi solicitado que os jovens criassem narrativas para meninos e meninas, a partir de suas próprias vivências. As narrativas obedeciam a uma linearidade e colocava os serviços domésticos e o cuidado com os irmãos como comuns ao cotidiano das meninas, enquanto as atividades ligadas ao espaço público, como circular em espaços como o Beco<sup>8</sup> e ir ao Parque Itaimbé<sup>9</sup> como atividades comuns no cotidiano dos meninos.

A discussão se adensou quando uma das meninas relatou que se ela fosse a menina da narrativa, seria policial, anunciando seu projeto de vida, e afirmando que as dificuldades para assumir a profissão seriam evidentes, dados os riscos, e como eles se elevam quando se pensa na experiência de mulheres nessa função laboral, quando as

---

<sup>8</sup> O Beco, segundo os alunos, corresponde a um espaço de sociabilidade que também está ligado ao consumo de drogas e álcool.

<sup>9</sup> O Parque Itaimbé localiza-se na região central da cidade.

expectativas apontam para a escolha de uma profissão ligada ao cuidado ou a “atividades mais calmas”.

Outro marcador social da diferença que parece repercutir fortemente na experiência dos jovens é a classe social. As impossibilidades de acesso a determinados bens e serviços delimitam suas experiências e também circunscreve a constituição de seus cotidianos.

Tomando os projetos de vida<sup>10</sup> como centrais para o debate disparado por esse marcador, os alunos afirmavam que a universidade era um espaço para jovens das classes dominantes, parecendo não compor o horizonte de possibilidades nas projeções de futuro deles. Assim, foi proposto o debate sobre direitos e cidadania, visando a desconstrução acerca das delimitações de determinados espaços, tais como as instituições de ensino superior, em decorrência da classe social.

Ao longo das oficinas, a classe social parecia invisibilizar as questões de raça. De acordo com Marília Pinto de Carvalho (2004), no contexto brasileiro – e em diversos países da América Latina – a classificação racial se apoia tanto na aparência (características fenotípicas, como a cor da pele ou o tipo de cabelo) e na ascendência ou origem, quanto no status socioeconômico da pessoa. Para autora, que se ampara nos debates propostos por Fúlvia Rosemberg, diferentemente da classificação norte-americana, baseada exclusivamente em regras de descendência, em que o filho de uma pessoa negra é sempre um negro e que gera um sistema rígido e dicotômico, a classificação racial no Brasil é fluida e variável, com a possibilidade de passagem da ‘linha de cor’ em decorrência da combinação fenotípica e do status social do indivíduo. Assim, a cor seria apenas um dos elementos de que se lança mão na construção social das relações raciais, o que justificaria a invisibilidade da percepção sobre o marcador de raça, e suas expressões em termos de desigualdade, mas a presença constante do debate acerca das questões de classe social.

Assim, foi proposta uma atividade em formato de Quiz, cujas perguntas giravam em torno do racismo. Os alunos pareciam surpresos com perguntas/proposições que colocavam o racismo como crime, oscilando entre a indiferença e a vergonha, como relatado por um deles.

---

<sup>10</sup> Para fins desta oficina, partimos da ideia de projetos de vida como proposto por Velho (2003), ao apontá-los como algo que vai além de um ideal, um plano, uma meta. Como resultado das implicações de toda uma construção de vida onde a condição social, os valores, os espaços e instituições em que o jovem convive e que vão dar suporte ao jovem nas suas condutas e escolhas presentes e futuras, traçadas dentro do seu campo de possibilidades.

## **(In)Conclusões**

O compromisso com o a transformação social envolve a construção de ferramentas e alternativas que localizem as fissuras no interior das desigualdades sociais, a compreensão de suas repercussões na vida dos sujeitos e coletivos, e a busca por recursos que mediem a construção de cotidianos mais democráticos. Isso implica o encontro com o outro, a disponibilidade para a desconstrução e reconstrução constante, e na elaboração de estratégias inventivas de resistência.

Ao falarmos sobre estratégias de resistência, estamos falando, sobretudo, de caminhos que permitam aos sujeitos a compreensão de sua dimensão histórica a partir da denúncia dos mecanismos excludentes, das teias de poder que os posicionam em determinadas camadas sociais, e que criem formas inventivas de constituir a vida. Isso exige uma linguagem que permita a interação com os interlocutores a partir das suas realidades.

Ao localizar o quanto suas formas de circulação são impactadas pelo gênero, e não somente pela falta de iluminação pública, que ser seguido no shopping não tem a ver somente com marcas de classe, mas também de raça, e que ser um menino gay em nada tem a ver com desejar ser uma menina, parecem ser degraus promissores na elaboração de estratégias para o rompimento com as repercussões das lógicas estigmatizantes, subalternizantes e desumanizantes que permeiam as experiências que subsidiam as trajetórias de vida desses jovens.

As elaborações mais críticas que tomam o cotidiano como ponto de partida e de chegada compõem a aposta que fazemos ao utilizar a terapia ocupacional social como aporte teórico-metodológico na proposição dessa intervenção. Nesse sentido, as oficinas de atividades realizadas junto aos jovens permitiram o reconhecimento dos seus cotidianos, do impacto da produção das desigualdades a partir da diferença na vida social deles, e sobretudo a reflexão acerca dos mecanismos sob os quais operam e dos lugares sociais que constroem.

Destacamos que intersectorialidade se coloca como fundamental na efetivação dos direitos, no acesso à cidadania e na construção vidas mais dignas.

## **Referências**

ALMEIDA, Marta Carvalho; SOARES, Carla Regina Silva.; MALFITANO, Ana Paula Serrata; LOPES, Roseli Esquerdo.; OLIVER, Fátima Correa. Terapia Ocupacional nos serviços de proteção social básica do SUAS. In: CHAGAS, José Naum de Mesquita.; BARROS, Denise Dias; ALMEIDA, Marta Carvalho; COSTA, Samira Lima. **Terapia Ocupacional na Assistência Social**. Rio de Janeiro: CREFITO 2, 2015. p. 13-26.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549-558, 2011.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, 2006.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de assistência social, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: Articulações entre gênero e cor/raça. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 22, s.n, p. 247-290, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FARIAS, Magno Nunes; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional social, antiopressão e liberdade: considerações sobre a revolução da/na vida cotidiana. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 30, n. spe, e3100, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

GALHEIGO, Sandra Maria. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 5–25, 2020.

LOPES, Roseli Esquerdo; SILVA, Carla Regina. O campo da educação e demandas para a terapia ocupacional no Brasil. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, p. 158-164, 2007.

LOPES, Roseli Esquerdo. Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata. **Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos, EdUFSCar, 2016. p. 29-48.

- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- MALFITANO, Ana Paula Serrata. Contexto social e atuação social: generalizações e especificidades na terapia ocupacional. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata. (Eds.). **Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos** São Carlos: EDUFSCar, 2016. p. 117-134.
- MARSHALL, Thomas. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MELARA, Eliane. **A dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria – RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MELO, Késia Maria Maximiano de; MALFITANO, Ana Paula Serrata; LOPES, Roseli Esquerdo. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 3, p. 1061-1071, 2020.
- MELO, Késia Maria Maximiano de. **Entre rupturas e permanências: Modos de vida e estratégias de enfrentamento à vida nas margens no cotidiano de pessoas trans**. (Tese de doutorado). Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012
- LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; TRAJBER, Natália Keller de Almeida; SILVA, Carla Regina; CUEL, Brena Talita. Oficinas de Atividades com Jovens da Escola Pública: Tecnologias Sociais entre Educação e Terapia Ocupacional. **Interface**, Botucatu, v. 15, p. 277-288, 2011.
- LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata; SILVA, Carla Regina; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: Ações com jovens pobres na cidade. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, p. 591-602, 2014.
- OLIVEIRA, Isabel Fernandes de; DANTAS, Candida Maria Bezerra; SOLON, Avrairan Fabrícia Alves Caetano; AMORIM, Keyla Mafalda de Oliveira. A prática psicológica na proteção social básica do SUAS. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 23, n. spe., p. 140-149, 2011.
- SECRETI, Tatiani. **Mortalidade por causas violentas: Uma análise dos homicídios em Santa Maria – RS**. Monografia (Especialização em Estatística e modelagem quantitativa). Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- SILVA, Marina Jorge da. **Terapia Ocupacional Social, Juventudes e espaço público**. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional Social). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

SILVA, Karolinne Victória; LEITE, Marcela Barbosa. O (re)conhecimento dos marcadores sociais da diferença como forma de combate às desigualdades: uma reflexão introdutória em torno do papel da educação. Anais... VII Congresso Nacional de Educação: Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e reconhecimento. Maceió, outubro, 2020.

SILVA JUNIOR, Paulo Roberto da; MAYORGA, Claudia. Experiências de jovens pobres participantes de programas de aprendizagem profissional. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 28, n. 2, p. 298-308, 2016.

VENCATO, Anna Paula. Diferenças na escola. In: MISKOLCI, Richard; LEITE JUNIOR, Jorge. **Diferenças na educação**: Outros aprendizados. EdUFSCar: São Carlos, 2014.

PAN, Livia Celegati; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; LOPES, Roseli Esquerdo. Recursos e metodologias para o trabalho de terapeutas ocupacionais na e em relação com a escola pública. In: LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira (Org.). **Terapia Ocupacional, Educação e Juventudes**: Conhecendo Práticas e Reconhecendo Saberes. 1a.ed. São Carlos: EdUFSCar, 2022, p. 97-126.

PAN, Livia Celegati; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional social na escola pública: uma análise da produção bibliográfica do METUIA/UFSCar. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 207-226. 2020.

PAN, Livia Celegati; LOPES, Roseli Esquerdo. Ação e formação da terapia ocupacional social com os jovens na escola pública. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 30, e2810, 2022.

PEREIRA, Beatriz Prado; LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, jan./mar. 2016.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

SAVIANI, Demerval. **A Nova LDB da: Educação**: trajetória, limites e perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1997.

RAMOS, Nara Vieira. Perfil de adolescentes privados de liberdade em Santa Maria/RS. **Psicologia e Sociedade** (Impresso), Recife. v. 22, p. 365-373, 2010.

SILVA, Marina Jorge; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Oficinas de atividades, dinâmicas e projetos em Terapia Ocupacional Social como estratégia para a promoção de espaços públicos. **Interface**, Botucatu, v. 25: e200055, 2021.

SPODE, Pedro Leonardo Cesar. **Pobreza e privação social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul: uma análise a partir dos usos do território**. Dissertação (Mestrado). 175 f. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2020.

ZAMBONI, Márcio. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: Grandes Temas do Conhecimento**, v. 1, s.n, p. 14-18, 2014.

Recebido em março de 2023.  
Aprovado em agosto de 2023.